

# À MEMORIA DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR



Um Typo

É vulgar: — de typos infimos  
 Nunca o mundo andar-á falto...  
 Ficta os pobres de olhar alto,  
 Mira os nobres de olhar baixo  
 Adulando os vultos celebres,  
 Os benesses lhes conquista,  
 Co'a mansidão d'um sacrista,  
 Co'a servidão d'um capacho.

Emquanto vivos, caricias  
 Sobre elles, farto, derrama;  
 — Quem não trouxer guarda-lama.  
 Fica fresco em tal enxurro... —  
 Mas se a morte acodê subita  
 E um cadaver mais arpôa,  
 ... 'stá sujeita uma pessoa  
 A levar coices d'um burro!...

*Gustavo Bordallo Pinheiro*

## POR AHI...



Nas chronicas do *high-life* já se não conjuga o verbo *partir*, conjuga-se o verbo *chegar*.

Ha cerca de tres mezes que essas chronicas não faziam senão dizer-nos quotidianamente:

—Partiu hontem o sr. Fulano.

—Parte hoje o sr. Cicrano.

—Deve partir amanhã o sr. Beltrano.

Agora o verbo *partir* foi substituido pelo collega *chegar*, e as chronicas começam a referir:

—Chegou das Tappas, o sr. commendador Ricardo.

—Chega de Cascaes o sr. dr. Reynaldo.

—Deve chegar de Espinho o sr. desembargador Raymundo.

Começa o descanso para os PP grandes do verbo *partir* e principia o trabalho para os CC maiusculos do verbo *chegar*.

Nas praias vac-se notando já uma frieza de força dobrada: a frieza nos corpos, causada pela aproximação do inverno, e a frieza nos divertimentos, produzida pelo afastamento dos forasteiros.

Em compensação, Lisboa começa a animar-se gradualmente, e a Avenida, satisfeitiissima, onfeita-se das suas galas mais floridas, para não desmerecer das sympathias das elegantes que regressam, encantadas dos vastos horisontes d'essas praias, saudosas da vegetação palpitante d'esses campos.

Ao longo d'essas ruas param já, de quando em quando, os caleches que transportam as familias em regresso—e ainda enroupadas nos trajos primaveraes, que estão pedindo a breve interferencia da modista—e estacionam, descarregando, as carroças que conduzem os tarecos, associados ao prazer da villegiatura.

E' o jubileu das modistas e das carroças de fanico.



Lisboa sobresaltou-se ha dias com a noticia d'uma rusga a uma casa de batota.

O sobresalto foi tanto mais justificado, quanto é certo que esse genero de incidente, produzindo-se apenas uma vez em cada geração, toma o aspecto de um phenomeno *policilogico*, que naturalmente impressiona quantos o presenciam pela primeira vez na sua vida, como succede com os grandes terramotos, os quaes, segundo a sciencia popular, só de seculo em seculo vêm assolar as povoações.



Acabamos de ler n'um jornal que quatro guardas do corpo de policia receberam gratificações monetarias por haverem tomado parte n'aquella rusga, concedendo-se dois dias de licença a cada um de dois outros guardas que accudiram aos toques de apito feitos por occasião do conflicto.

Esta, dos dois dias de licença pelo facto de terem accudido aos apitos, deve ser um raio de luz para a illustre corporação dos srs. gatunos e artes correlativas!

Um bello dia, ss. ex.<sup>as</sup> os gatunos espalham-se pela cidade, cada um com o seu apito e em numero igual ao dos guardas de que se compõe o corpo de policia, e a uma hora certa começam todos a apitar, até que junto a cada um d'elles appareça o seu respectivo guarda.

Em seguida pedirão desculpa do incommodo, uns declarando ter apitado por verem passar o sr. ministro da fazenda quando estavam lendo umas antigas locaes publicadas pelo sr. Oliveira do Correio, outros allegando que apitaram por se acharem a fazer tirocinio para cocheiros dos americanos; o commissario não terá remedio senão mandal-os embora e, como todos os guardas *accudiram aos apitos*, todo o corpo de policia terá licença de dois dias para nos deixar a casa sem criada e todo o corpo de gatunos terá homenagem de igual praso para nos deixar a algibeira sem relógio...

Se os gatunos não aproveitarem tão bom ensejo, é que já não ha rapazes d'uma canna nem portuguezes na Patriarchal Queimada!

*Am - Tarantula*



## OS EXERCICIOS DE CAVALLARIA

Anda no ar como que uma especie de fluido guerreiro, que se respira conjuntamente com a pocira fina das calçadas.

Se não fosse o receio de abusarmos do direito de petição, solicitaríamos da camara municipal que mandasse regar o citado fluido, já que não faz outro tanto com a pocira do mac-adam.

No scio das familias não pôde haver descanso com este movimento militar que para ahi vae!

Dê vez em quando—*catrapuz, catrapuz, catrapuz!*

E lá vae tudo de roldão á janella da sacada, vêr uma ordenança que passa a galope, ferindo fogo nas pederneiras e no coração das criadas de servir.

D'ahi a nada: *tic-tic-tic-tic...*

E lá vem tudo outra vez de cambalhada para a varanda, admirar o garbo do coronel, que passa escanchado n'um cavallo do Poço de Borratem, e dando pancadas no coiro do selim, com a regularidade mechanica d'um vigoroso bate-estacas...

E tantas vezes a criada sac da cosinha, que acaba sempre por entrar o *bispo* no refogado!



Lemos algures que um dos exercicios da cavallaria não correspondeu absolutamente nada á espectativa do publico em geral nem ás justas aspirações do exercito em particular.

Estamos porém habilitados para desmentir formalmente essa noticia insidiosa.

Assegura-nos testemunha presencial—o honesto caseiro d'uma vivenda proxima do local onde se effectuou o exercicio—que as manobras de cavallaria foram, como vulgarmente se diz, um servicinho de alto lá com elle!

—Os cavallos—descreve-nos o referido caseiro;—os cavallos avançavam uns para os outros, a quatro e quatro, dois de cada lado, depois recuavam, depois tornavam a avançar, depois ladecavam para a esquerda e para a direita, com uma regularidade de compasso e uma elegancia de movimentos como se fossem pessoas

vivas! Eu já tinha visto fazer aquillo, mas não me lembrava aonde... Depois é que me recordei: foi em casa da patrão, quando uns esturdios da cidade lá estiveram uma noite a bailar a dança dos *linceiros*...

Vemos com alegria que não caiu em cesto rôto a frequencia da briosa officialidade nos saltifrés familiares



Um phenomeno muito curioso observado nos exercicios militares, foi que, um d'esses exercicios, para onde as tropas tinham ido em jejum, correu tumultuariamente, não havendo desgraça que não acontecesse; ao passo que um outro, realisado depois do feijão branco da manhã, se concluiu na melhor ordem, provocando o applauso de quantos o presenciaram!

A explicação é simples: os soldados, vendo em jejum a marreca do seu illustre general em chefe, ficam enghiçados de tal maneira, que já não são capazes de dar rego em todo o dia.

Como ha só duas cousas que pôdem desfazer o enghiço da marreca:—um cavallo branco ou um soldado da municipal—lembramos ao ministerio da guerra a conveniencia de fazer incluir um soldado da municipal na ambulancia da botica de cada regimento, ou a necessidade de adquirir cavallos brancos para os corpos do exercito—o que se pôde substituir fazendo a todos os cavallos actuaes a mesma operação que as boas cozinheiras fazem uma vez por semana ás respectivas chaminés: botar-lhes duas demãos de cal.



Cam-Tarantula

## POLITICA EM BOLANDAS



Entre as coisas boas que porventura tenham resultado da viagem de suas magestades, avulta em primeiro plano, o armistício que a politica se está dando em regalo, como que invejosa imitadora do regabofe da real familia.

Os telegrammas da provincia tomaram de arrendamento provisorio a casa dos artigos de fundo, que lh'a arrendaram a curto praso—á feição dos locatarios da beira-mar, sublocando provisoriamente os seus cochicholos ao forasteiro dinheiroso.

Quando se não limita á publicação dos telegrammas, o artigo de fundo circumscreve-se então ao elogio dos correligionarios, não tocando nem de leve na pessoa dos adversarios, porque a aggressão caberia mal no momento solemne do real divertimento, além de representar um esforço perdido por falta de oportunidade...

Tal é, porém, a balda da descompostura, inveterada até o tutano nos habitos do artigo de fundo, que mesmo n'esse elogio dos proprios correligionarios transparece alguma vez o proposito das mais virulentas insinuações!



Ainda não ha muitos dias que o artigo de fundo do *Diario Popular*, escripto pelo sr. ministro da fa-

zenda ou por algum dos seus amigos politicos, elogiava o referido sr. ministro, expressando-se da seguinte forma:

«A sua passagem pelos conselhos da corôa, quando as tempestades serenarem e a justiça fór feita inteira aos seus actos como ministro, ha de ser apreciada então á luz desapaixonada dos brilhantes resultados d'esses actos e da nova era de emancipação que abriu para o thesouro e para o credito nacional.»

Vê-se claramente que o compositor foi magnanimo não pondo uma virgula nos *brilhantes* do artigo, mas induz-se, com a mesma claridade, que essa virgula presidiu á intenção com que os referidos brilhantes foram ali encastoados.

Observe o leitor, e verá como o orticultista do *Diario Popular* quiz dizer na sua que a passagem do sr. ministro da fazenda pelos conselhos da corôa hade ser apreciada á luz dos *brilhantes*, (virgula) resultados d'esses actos, etc. etc. . . .

Isto é, dos actos do sr. ministro da fazenda *resultar-lhe-hão* uns *brilhantes*, com que s. ex.<sup>a</sup> illuminará a sua actual passagem, quando futuramente nos mostrar o peitilho da camisa. . .

Já andavamos desconfiado de que, dos actos do sr. Marianno, sempre lhe haviam de *resultar* alguns *brilhantes*, mas não nos atreviamos a pô-lo em letra redonda, como acaba de fazer o *Diario Popular*.



Cam-Tarantula

## LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

Ha muito tempo que temos sobre a banca um avultado numero de publicações recebidas, de que ainda não pudemos occupar-nos, mas que, d'hoje em diante, iremos regularmente citando.

*O Naufrago*.—É aquella deliciosa poesia de Francois Coppée, recitada maravilhosamente por Coquelin, e que foi ultimamente editada n'uma primorosa traducção do sr. Greenfield de Mello.



*Regras e preceitos de hygiene mais indispensaveis nas terras do baixo Congo, pelo dr. Manuel Ferreira Ribeiro.*

Assegura-nos cavalheiro competente que este livro constitue um trabalho de bastante valor scientifico. Acreditamos o cavalheiro, mas não lemos o livro, já porque não tencionamos perder-nos no Baixo Congo, já porque—confessamol-o sinceramente—temos uma negação invencivel para a leitura de todas as publicações sobre hygiene—com excepção das do Jayme José Ribeiro de Carvalho, que são as unicas que nos divertem, sem o contrapeso de nos massarem.

De resto, agradecemos lisongeados a offerta do livro.



*Ideas de outr'ora, por Augusto Forjaz.*

Um pequeno volume, de pouco mais de cem paginas, esmaltado de vinte e tres pequenos contos—ou esboçetos, como lhe chama o seu auctor—deliciosos para a leitora lêr ao deitar-se, um por cada noite, o que deverá proporcionar-lhe igual numero de sonhos suavemente melancolicos, adormecendo emocionada pelo sabor a mocidade que se encontra d'aquellas paginas

# PORTO — CROQUIS TELEGRAMMA



Os reporters correm para informar exactamente o publico do estado em que suas magestades teem a mão, da beijoca nacional de Tua a Mirandella, de Mirandella á Regua, da Regua ao Porto, do Porto á Povoá, da Povoá a Villa do Conde, de Villa do Conde ao Porto, do Porto ás Carrancas, das Carrancas ao Palacio, do Palacio ao Hospital dos doidos, do Hospital dos doidos, etc.

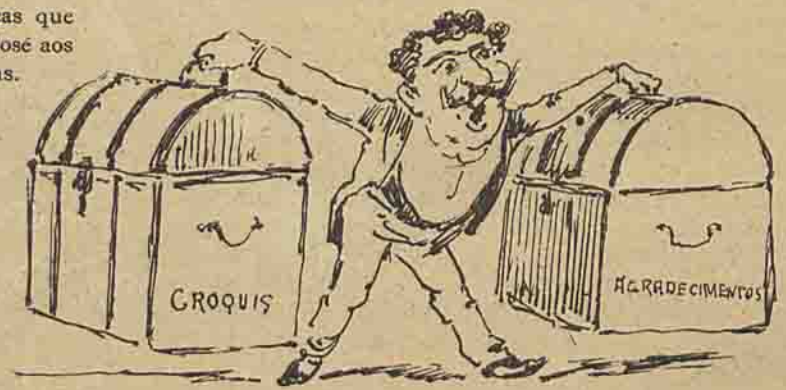
A casaca chega a fazer parte da pelle e a pelle chega a fazer parte da casaca. Espreguiça-se a gente de casaca, dorme-se de casaca, desenha-se de casaca, toma-se banho de casaca, com acompanhamento de hymno real.



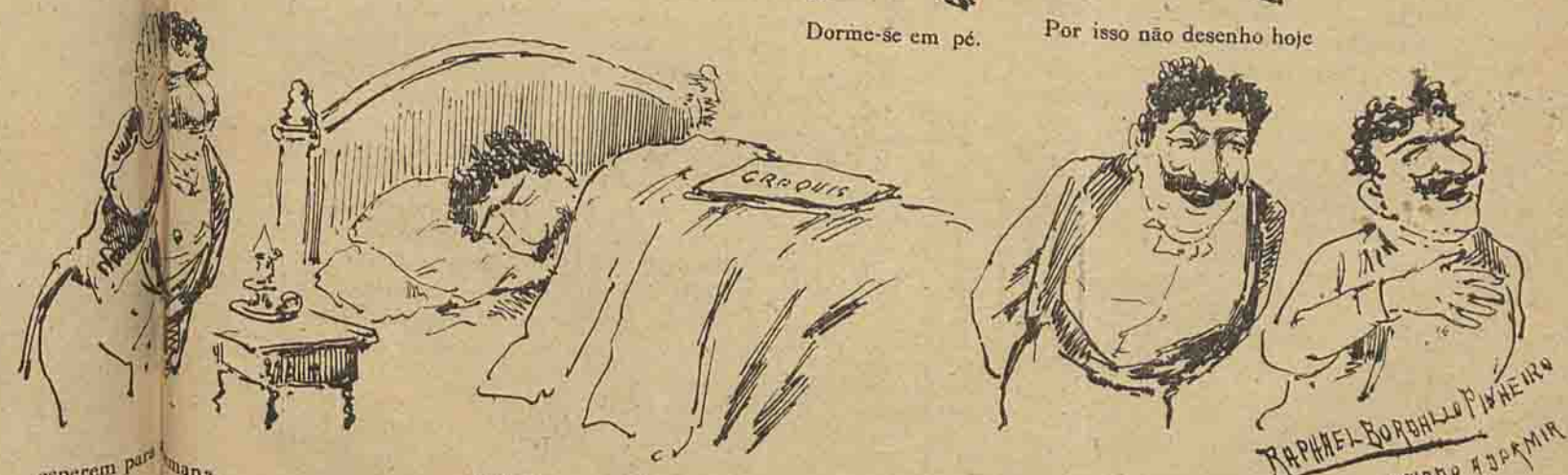
Sua magestade offerece as calças que lhe offereceram na officina de S. José aos jornalistas e reporters—augmentadas.

Os jornalistas não estão tido em ponto grande.

Dorme-se em pé. Por isso não desenho hoje



Tenho duas enormes malas de croquis e agradecimentos.



esperem para amanhã.

porque agora é isto.

Ficaram comidos, não é verdade?

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
PORTO - DESENHADO A QUADRA  
Pois também eu

Os Mendigos ou o triste regresso, monologo em verso, original, por Junior Quintal.

Francamente, o titulo ainda é mais em verso de que o proprio monologo!

Senão, vejam como o monologo principia:

«Foi n'uma noite escura de medonho temporal,  
Em que os passantes derrubavam ao vendaval»

Se isto é verso, então não sabemos que demonio de coisa havemos de chamar á famigerada legua da Po-voa!...



## QUE SUSTO, O MANAI

Ao rico banqueiro  
Que mostra commenda,  
Ao moço da tenda,  
A' gente do mar,  
Ao homem que vende  
Faceira de vacca,  
Ao manga d'alpaca,  
Ao grão titular,  
Ao guarda nocturno,  
Ao moço de fretes,  
A's Perliquitetes,  
(Em particular)  
Do pão, vinho e carne,  
Aos varios freguezes,  
Por mais de mil vezes  
Ouvi já contar,  
Que, quando, deixando-nos.  
El-rei merencorio  
Co'o seu familiario  
Se foi viajar,  
O Zé Luciano,  
De susto azulio,  
Não quiz que o comboio  
Parasse em Ovar!  
—E todos perguntam  
Porque é que seria  
Que não pararia,  
Devendo parar...  
—E' que elle—referem,  
Sem visos de pala—  
Temendo do Aralla  
Vingança exemplar,  
Mudando do azul  
P'ra verde de alfombras,  
Não quiz nem por sombras  
Ovar—Qual Ovar,  
Quando elle, de afflicto  
Contendo-se a custo,  
Quizera, co'o susto,  
O inverso de ovar...

*Junior Quintal*

## A VIAGEM REAL

O enthusiasmo tem tocado o «cação do delirio», como diria, em lugar de «a raia do delirio», o nosso amigo Mendonça e Costa, substituindo, no seu furor calembourguista, a raia pelo cação.

Ficis ao nosso compromisso, aqui vamos referindo as mais curiosas peripecias da real viajata e de que temos conhecimento pelos telegrammas publicados nos varios jornaes noticiosos.



Um d'esses telegrammas diz-nos que, na viagem a Mirandella, «era enorme a multidão que esperava a familia real na Regoa.»

Vem aqui a pello recordar o conhecido episodio dos orgãos de Olhão. Como se sabe, todas as familias d'aquelle povo haviam contribuido para a compra dos orgãos destinados a ornamentar a egreja matriz. Um bello dia recebem participacão de que os orgãos tinham sido remetidos de Lisboa, e poucos dias depois desembarcam em Olhão uns grandes caixotes que, toda a gente suppoz, deviam conter os orgãos.

O mulhero da terra accode tumultuoso á abertura dos caixotes e cada femca de per si declara em alta voz quantos canudos do orgão competiam ao seu respectivo consorte, determinando o numero d'esses canudos pelo numero de moedas com que o esposo havia contribuido para a acquisição dos orgãos.

—O meu marido tem dois canudos! dizia esta.

—Então ao meu não lhe cabem menos de quatro! observava aquella.

—Pois cá o meu, certificava aquell'outra, não se lambe com menos d'um quarteirão de canudos—segundo os calculos que eu lhe tenho botado...

N'isto, abrem-se os caixotes, e todos os maridos observam, com um espanto de mãos na cabeça, que os taes canudos que as esposas lhes haviam distribuido não eram talvez os mais contentancos com as harmonias dos orgãos nem com as harmonias do lar domestico, por isso que haviam de ser muito duros de tocar para os dedos do organista e ainda muito mais duros de roer para as pessoas d'elles maridos...

Ora a municipalidade da Regua considerando—segundo referiram os jornaes—na exiguidade dos seus recursos, resolveu nomear uma commissão cujos membros andassem de porta em porta solicitando donativos para os festejos em honra dos reaes viajantes; e foi com o resultado d'esses donativos que a camara da Regua preparou os festejos e fez cozinhar o lunch offerecido na passagem de suas magestades.

Assim, não admira que a multidão fosse enorme, pelo empenho que todos os municipes haviam de ter em observar o aspecto do seu dinheiro depois de convertido em lunch e pelo natural orgulho com que, a parte femenina do municipio, declararia alto e bom som o numero de croquettes de vitella correspondente a cada esposo—com o mesmo enthusiasmo com que as mulheres de Olhão botavam contas ao numero de canudos de orgão correspondente a cada marido...

Esperamos comtudo que os croquettes da municipalidade da Regoa não fossem da mesma massa de que eram os canudos dos orgãos de Olhão...



El-rei offereceu um cordão e coração de ouro a cada uma das sete raparigas operarias mais distinctas da fabrica Salgueiros.

Vê-se que o sr. D. Luiz é muito mais generoso de que o seu heroico avô, o sr. D. Pedro IV.

Sua magestade o Dador contentou-se em deixar no Porto um simples coração, em viscera, para servir de reliquia aos mezarios da freguezia da Lapa, ao passo que sua magestade o sr. D. Luiz deixa ali nem menos de sete corações, em filagrana, para servirem de adorno e outros tantos colos de formosas raparigas portuenses...

Muito maior generosidade e muito melhor escolha de local para fiel depositario dos corações do sexo bruto...



Sua magestade el-rei premiou tambem as aptidões de dois operarios da mesma fabrica Salgueiros, agraciando-os com o habito de Christo e entregando-lhes as veneras acompanhadas das seguintes textuaes palavras:

«Espero que as usem como recordação da minha visita.»

De fórma que os operarios, quando puzerem ao peito o symbolico penduricalho, não verão n'elle o galardão do seu trabalho e o incentivo a novos esforços: verão apenas uma recordação da visita do sr. D. Luiz—assim á laia dos Lovelaces aposentados, que se comprazem de avivar de tempos a tempos as recordações da mocidade, remechendo na boceta onde se escondem as trancinhas de cabello de diversas côres, proveniencias e significações...

O grande caso é que sua magestade consegue por esta forma que os operarios se recordem d'elle, sem dependencia de lerem as descomposturas dadas no monarcha por todos os ministros da corôa—quando se acham em desponibilidade...

D'um reclame assim é que ainda se não lembrou o Figueiredo da rua da Prata, para trazer os seus afamados colchões d'arame na memoria de toda a gente.



Na distribuição dos premios ás crianças, informa um *reporter*, a rainha e a princeza davam os premios ás raparigas beijando-as carinhosamente, ao passo que el-rei e o principe real entregavam os premios aos rapazes beijando-os da mesma fórma.

Parecia-nos muito melhor terem invertido a ordem de distribuição dos premios, sendo os *distribuidores* do sexo masculino que beijassem as raparigas...

O contrario pôde ser que esteja mais d'accordo com a moralidade publica, mas affigura-se-nos entretanto que é contra a natureza.



Na visita á officina de S. José, foi offerecido a el-rei um paliteiro de buxo e á rainha um agulheiro de metal.

Não percebemos a que proposito e com que fim of-

freceram a sua magestade a rainha um agulheiro.

Ainda se fosse ao infante D. Affonso lá tinha o seu cabimento, visto que podia utilizar o agulheiro para guardar as *agulhetas* inherentes ao logar de ajudante de campo honorario, com que recentemente foi agraciado.

Mas o agulheiro offerecido a sua magestade a rainha, além de inexplicavel, representa um brinde insignificantissimo, comparado com o paliteiro offertado a sua magestade el-rei!

Um paliteiro é para guardar palitos; os palitos são para limpar os dentes; quem limpa os dentes tem-n'os sempre bons; quem tem bons dentes deve comer-lhe bem; quem lhe come bem hade criar bom sangue; quem cria bom sangue gosa de boa saude; quem gosa de boa saude não tem de que se queixar; quem não tem de que se queixar não costuma rogar pragas; quem não costuma rogar pragas não pode offender a Deus; e quem não offender a Deus vae direitinho para o Paraíso.

E aqui está como o paliteiro offerecido a sua magestade el-rei representa nem mais nem menos de que um passaporte para o reino dos ceus, com todas as commodidades e todas as despezas pagas.

De forma que o agulheiro offertado a sua magestade a rainha foi, como vulgarmente se diz, um *premio de consolação*...



Terminada a cerimonia da distribuição dos premios, el-rei botou discurso aos pequenos agraciados, concluindo por estas palavras, segundo refere o correspondente do *Diario Popular*: «É a primeira prova porque passaes; primeira recompensa que adquiris, grande incentivo para continuardes na senda de honradez do principio que deveis seguir, respeitando sempre os reis e a moralidade.»

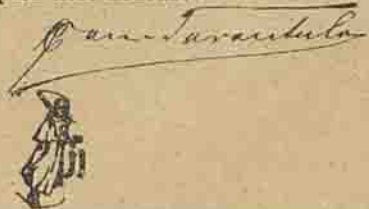
Por esta allucção, em que se rocommenda ás crianças que *devem sempre respeitar os reis*, se descobre claramente qual o verdadeiro fim da visita de sua magestade pelas provincias.

Aquillo não foi uma viagem politica nem de recreio foi uma jornada commercial.

Não é um rei que percorre o seu reino para receber as saudações dos povos e vigiar pela felicidade da patria: é um *commis-voyageur* que anda pelas provincias apresentando amostras dos seus artigos e fazendo o *reclame* do seu estabelecimento.

O habito de Christo aos operarios, *para que se lembrem d'elle*, e o *speech* aos pequerruchos, *para que respeitem sempre os reis*, põem a situação ainda mais clara de que os colleirinhos do sabio *Pisca-pisca*.

Não anda visitando os povos nem assistindo a inaugurações solemnes: anda a arrancar dentes sem dôr e a vender pastilhas para tirar nodos!

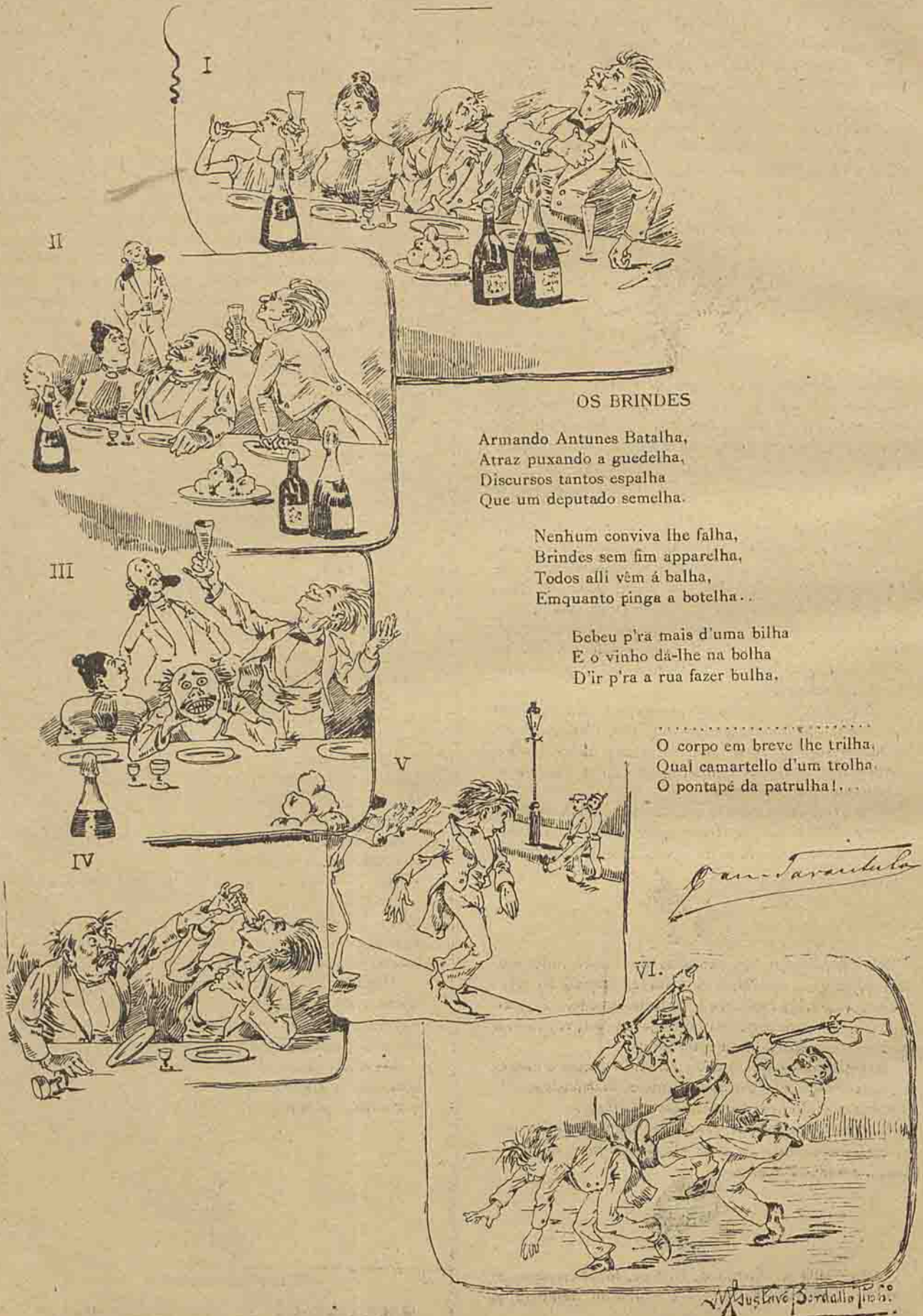


**Pan-Tarantula**

**CANÇONETAS E MONOLOGOS**

Veja-se o annuncio na capa

## CONTOS ELECTRICOS



## OS BRINDES

Armando Antunes Batalha,  
Atraz puxando a guedelha,  
Discursos tantos espalha  
Que um deputado semelha.

Nenhum conviva lhe falha,  
Brindes sem fim aparelha,  
Todos alli vêm á balha,  
Emquanto pinga a botelha...

Bebeu p'ra mais d'uma bilha  
E o vinho da-lhe na bolha  
D'ir p'ra a rua fazer bulha,

O corpo em breve lhe trilha,  
Qual camartello d'um trolha,  
O pontapé da patrulha!...

*Caricaturado*

Augusto Bordallo Pinheiro